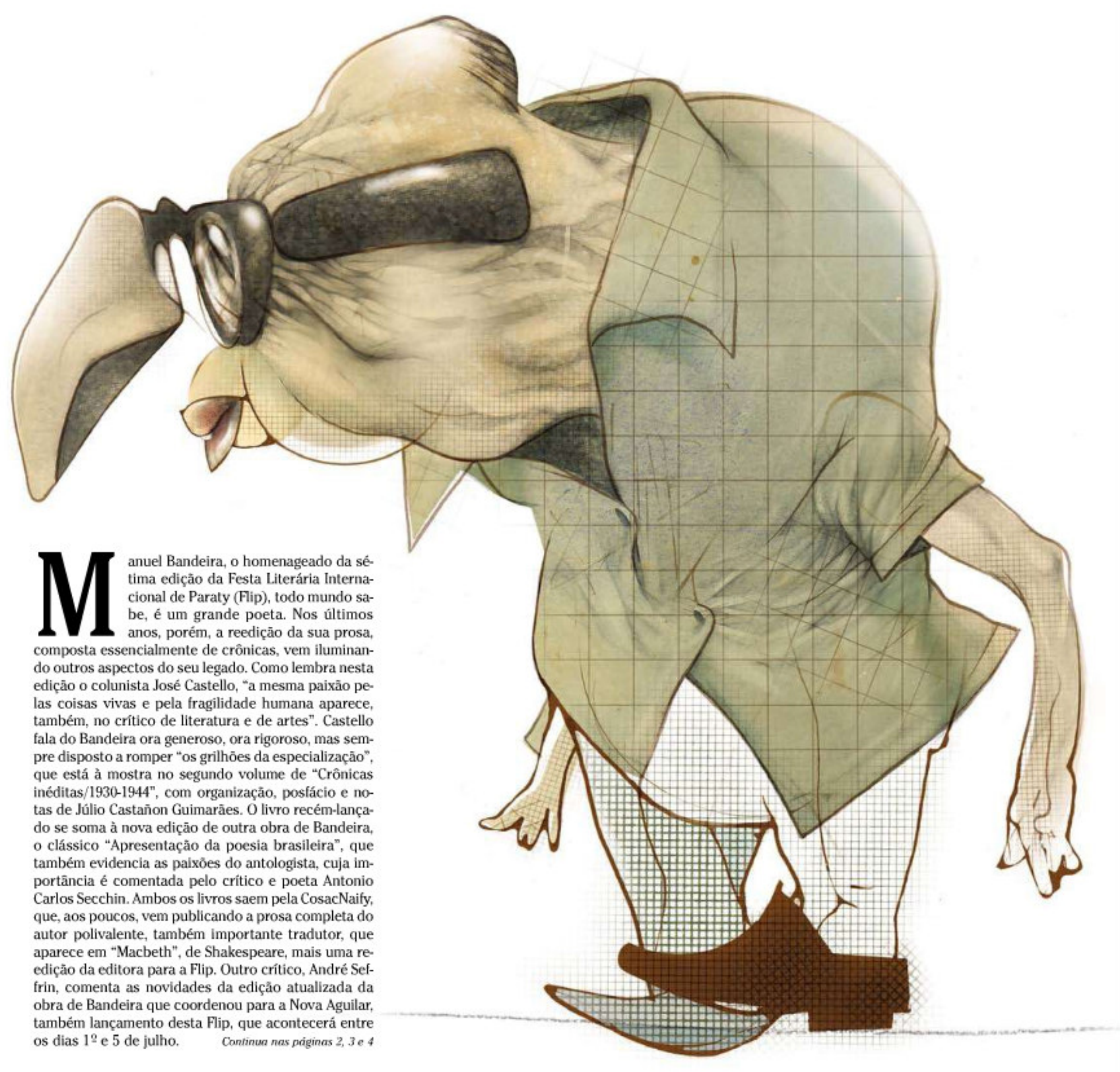
Matéria publicada no Prosa & Verso - O Globo - 20.06.2009

Arte de Cavalcante

FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY 7ª

As paixões de Bandeira



Manuel Bandeira, o homenageado da sétima edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), todo mundo sabe, é um grande poeta. Nos últimos anos, porém, a reedição da sua prosa, composta essencialmente de crônicas, vem iluminando outros aspectos do seu legado. Como lembra nesta edição o colunista José Castello, "a mesma paixão pelas coisas vivas e pela fragilidade humana aparece, também, no crítico de literatura e de artes". Castello fala do Bandeira ora generoso, ora rigoroso, mas sempre disposto a romper "os grilhões da especialização", que está à mostra no segundo volume de "Crônicas inéditas/1930-1944", com organização, posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. O livro recém-lançado se soma à nova edição de outra obra de Bandeira, o clássico "Apresentação da poesia brasileira", que também evidencia as paixões do antologista, cuja importância é comentada pelo crítico e poeta Antonio Carlos Secchin. Ambos os livros saem pela CosacNaify, que, aos poucos, vem publicando a prosa completa do autor polivalente, também importante tradutor, que aparece em "Macbeth", de Shakespeare, mais uma reedição da editora para a Flip. Outro crítico, André Seffrin, comenta as novidades da edição atualizada da obra de Bandeira que coordenou para a Nova Aguilar, também lançamento desta Flip, que acontecerá entre os dias 1º e 5 de julho. *Continua nas páginas 2, 3 e 4*

Cavalcante

AS PAIXÕES DE BANDEIRA

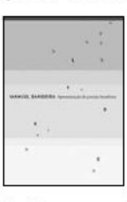
Argumentação atual e pertinente

Mesmo com idiossincrasias, o livro de Bandeira sobre poesia brasileira não perdeu sua força

Apresentação da poesia brasileira, *organizado por Manuel Bandeira. Posfácio de Otto Maria Carpeaux. Seleção iconográfica: Biblioteca José Mindlin. Editora Cosac Naify, 504 páginas. R$ 69*

Antonio Carlos Secchin

Num transcurso de dez anos, a partir de 1937, Manuel Bandeira publicou nada menos do que cinco antologias: as de poesia romântica e parnasiana, a de "obras-primas da lírica brasileira" (com notas de Edgard Cavalheiro), a de "poetas bissextos contemporâneos" e a "Apresentação da poesia brasileira" (primeira edição em 1946). Entre todas, destaca-se a última — inexplicavelmente há muito ausente do mercado editorial — pelo fato de conter, além da seleção de textos propriamente dita, um longo estudo introdutório, em que Bandeira percorre os principais poetas e movimentos de nossas letras, de José de Anchieta às vanguardas das décadas de 1950 e 60. Bandeira, aliás, foi o único dos grandes poetas brasileiros a dedicar-se continuamente ao ofício de antologista — basta recordarmonos de que, além das citadas, organizou seletas de Antero de Quental, da "poesia do Brasil" (com José Guilherme Merquior), da poesia simbolista, da modernista e pós-modernista (essas duas, com Walmir Ayala), além de ter editado a obra poética de Gonçalves Dias.



A natureza de "abrangência seletiva" de antologias e histórias da literatura as transforma no espaço por excelência da canonização literária; e ambas, antologia e história, desvelam suas diretrizes tanto no que acolhem quanto no que rejeitam. A esse respeito, é notável o cuidado de Manuel Bandeira no trato de nomes que, estigmatizados pela ala mais radical do modernismo, encontraram ponderada receptividade crítica nas páginas da "Apresentação". É o caso do parnasianismo, revalorizado pelo antologista nos poemas de Raimundo Correia e de Vicente de Carvalho, encarado com reservas em Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Por outro lado, afloram com clareza as restrições de Bandeira à poesia de Oswald de Andrade, que "deu o melhor de si numa série de romances" e produz "versos de um romancista em férias". Importa assinalar que esse era o consenso acerca de Oswald à época em que Bandeira escreveu o livro — anterior, portanto, à consistente reabilitação de sua obra promovida sobretudo pelos poetas concretos.

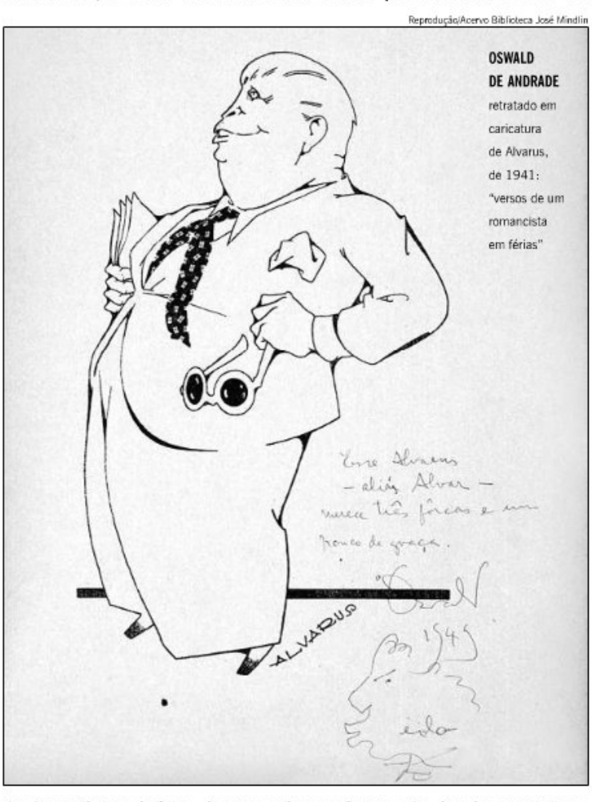
Redigido com vistas a um público hispano-americano — o autor chega a referir-se a seu "livrinho escrito especialmente para os mexicanos" —, o volume foi, efetivamente, publicado no México, mas apenas em 1951 (cinco anos após a primeira edição brasileira), sob os auspícios do prestigioso selo Fondo de Cultura Económica, com o título "Panorama de la poesía brasileña — acompañado de una breve antología". Destaca-se, assim, antes a apresentação histórica do que a própria seleta. Bandeira acompanha a cronologia dos poetas e relega a plano bem modesto os ingredientes histórico-sociais dos sucessivos movimentos estéticos, atendo-se a sucintas informações biográficas dos autores e dedicando-se, principalmente, à prospecção das formas e temas que lhes são característicos. Não deixa, a cada momento, de estampar endossos e restrições — quase sempre fundamentados a partir de uma ótica essencialmente literária, que é, afinal, a que mais interessa ao leitor de poesia. Mesmo ao falar de autores dos quais foi amigo próximo e constante — é o caso de Mário de Andrade —, não se esquiva de apontar o que lhe soa como deficiência.

Pautada em linguagem acessível, dirigida ao público não especializado, a argumentação de Bandeira, na maioria dos casos, se mostra atual e pertinente. Detectou com precisão a onda antimodernista — não na Geração de 45, mas bem antes dela, nos poemas de Augusto Frederico Schmidt e do primeiro Vinicius de Moraes. Ressaltou o caráter complexo e insólito da produção de Murilo Mendes. Revelou-se, todavia, pouco receptivo à contribuição de João Cabral de Melo Neto, praticamente nivelado a outros nomes, hoje esquecidos, contemporâneos do poeta.

A antologia em si ocupa mais da metade do volume, e é espelho fiel dos valores defendidos (ou atacados...) no estudo inicial. Bastante equilibrada na relação "posição do autor no cânone/ número de poemas que o representam", não deixa, aqui e ali, de evidenciar idiossincrasias — das quais, de resto, nenhum antologista escapa, sendo impossível, e mesmo indesejável, a absoluta "neutralidade". Escolher é tomar partido — mas que o seja a partir de critérios explícitos e fundamentados, para além da simples amizade ou dos sentimentos grupais. Não obstante o predomínio de escolhas regidas pelo diapasão da qualidade ou da representatividade dos textos, o leitor não deixa, eventualmente, de se defrontar com seleções (ou exclusões) algo arbitrárias. João Ribeiro foi contemplado, enquanto Raul de Leoni está ausente. Importantes poetas do modernismo — Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade — também foram excluídos. De Ribeiro Couto, Bandeira abrigou três poemas — mesmo montante reservado a poetas exponenciais como Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima. Dificilmente alguém sustentaria que o mais relevante das obras de Ferreira Gullar e de Cassiano Ricardo se encontre em suas respectivas fases concreta e práxis, mas é de lá que provêm os textos inseridos na seleta. Porém, de todas as omissões, a que mais se lamenta, sem dúvida, é a do próprio Bandeira: julgando-se, talvez, eticamente impedido de integrar a coletânea que organizou, o antologista nos privou do poeta. Essa lacuna, a mais ostensiva do livro, em vista da elevada qualidade da lírica bandeiriana, é parcialmente suprida pela "Notícia sobre Manuel Bandeira", de Otto Maria Carpeaux, texto que abria edições anteriores e reaparece como posfácio na bela reedição da Cosac Naify. A "Apresentação da poesia brasileira" retorna às livrarias em novos trajes, com o texto dos poemas apurado em fontes fidedignas, com o índice de autores cronologicamente disposto, e com expressivas ilustrações (de livros e de poetas) disseminadas ao longo do ensaio introdutório. É esperar, agora, que todas as demais antologias de Manuel Bandeira venham a merecer idêntico tratamento editorial. ■

ANTONIO CARLOS SECCHIN é poeta e crítico, membro da Academia Brasileira de Letras

Reprodução/Acervo Biblioteca José Mindlin



OSWALD DE ANDRADE retratado em caricatura de Alvarus, de 1941: "versos de um romancista em férias"

Simone Marinho/18-07-2003

FERREIRA GULLAR: obra do poeta chamou a atenção de Bandeira

"Certamente, foi com surpresa e alegria que vi meu poema 'Mar azul' incluído, por mestre Manuel Bandeira, na edição da 'Apresentação da poesia brasileira'. Ele estava sempre aberto às novas buscas de expressão e já havia escrito uma crônica, no 'Jornal do Brasil', falando com simpatia da poesia concreta, que escandalizava muita gente. E me envaideceu muito ler, na 'Apresentação', a referência que fazia a mim, dizendo que eu era, dentre os novos poetas, 'o mais estranho e inteligente'. Inteligente, não sei; estranho eu era, embora sem querer".

Ferreira Gullar

"Manuel Bandeira é um dos poetas de minha vida. Ele me estendeu a sua mão de clássico e imperdível quando eu tinha vinte anos. Ainda hoje sinto o calor dessa mão sábia e fraterna."

Lêdo Ivo

"Manuel Bandeira, desde o início, nos deu — a nós, então jovens integrantes do movimento concretista — muita força. Lançada em dezembro de 1956 na exposição no MAM de São Paulo (...), a poesia concreta enfrentou uma enxurrada de críticas ao mesmo tempo horrorizadas e insultuosas. O arco de negação pode ser medido pelos comentários dos escritores Lêdo Ivo e José Lins do Rego: o primeiro nos recomendava um curso de alfabetização; o segundo, nos aconselhava 'um banho de burrice'. Desafiando a desconfiança ou o silêncio de outros e a acrimônia da maioria, Bandeira publicou várias crônicas simpáticas e até tentou 'concretizar-se'. Na grande reportagem da revista 'O Cruzeiro' sobre a mostra, intitulada provocativamente 'O Rock and Roll da Poesia', ele compareceu com um 'poema concreto' e foi fotografado, atento, diante do meu poema 'Tensão'. No mesmo ano me escreveu solicitando esse texto para a versão atualizada de sua antologia da poesia brasileira, que apareceu em dezembro de 1957. Com o poema 'Tensão' encerrou o volume. Aos vinte e poucos anos, eu confiava cegamente no que nós fazíamos e estava disposto a enfrentar todos os moinhos de vento que aparecessem, mas é fácil imaginar o estímulo que representou a atenção do admirado poeta que ousava 'desafiar o coro dos contentes' da poesia oficial e juntar-se às poucas vozes que então nos apoiaram."

Augusto de Campos

Depoimentos concedidos à editora CosacNaify sobre a reedição de "Apresentação da poesia brasileira". Estes e outros depoimentos estarão disponíveis no site www.cosacnaify.com.br a partir de 1º de julho.

CORPO A CORPO

PAULO WERNECK

'Uma das vocações da editora é preencher lacunas'

• Paulo Werneck, da CosacNaify, diz que dificilmente passará em suas mãos, em sua trajetória de editor, material tão importante quanto a prosa inédita de Bandeira, lançada pela casa. Werneck, que não quis adiantar quais serão os próximos livros a serem editados, conta como tem sido realizado o trabalho.

• *Como avalia a importância do trabalho da editora com a prosa de Bandeira? Tem gerado um novo olhar?*

PAULO WERNECK: Novo olhar no sentido de uma nova geração lendo Bandeira, sem dúvida. Bandeira está na linha de frente da crônica e deu ao estilo feições muito próprias. Disso os especialistas já sabiam, mas o leitor menos especializado, o estudante mais jovem talvez não. E Bandeira foi dos poucos, senão o único de sua estatura, que pôs a palavra "crônicas" no título do livro. Ao contrário da poesia, as crônicas de Bandeira não estavam na ponta da língua do leitor. Mas toda a importância começa na pesquisa do Júlio Castañon Guimarães, que pacientemente reuniu a prosa esparsa de Bandeira a partir de coleções incompletas, às vezes mal conservadas, e revelou essas até agora 243 crônicas inéditas em livro. Com as 47 de "Crônicas da província do Brasil", são 290, tudo o que foi publicado entre 1921 e 1944 e não escapou à peneira fina do Júlio.

• *O que tem sido privilegiado no curso das reedições?*

WERNECK: A primeira etapa foi recolocar em circulação as "Crônicas da província do Brasil", de 1937, organizado pelo próprio Bandeira. Depois, começamos a edição dos volumes de inéditas e a trabalhar partes menos conhecidas da produção de Bandeira, muitas vezes esgotadas ou confinadas em volumes de obras completas: ensaios literários, antologias, tradução de teatro, crônica, correspondência. Outra faceta menos conhecida de Bandeira é a de um fino tradutor de teatro, como se vê na tradução de "Macbeth". Sobre a edição das crônicas inéditas, o trabalho de Júlio Castañon Guimarães é excelente, tem muito critério. Uma decisão importante foi incluir tudo o que Bandeira publicou em jornais e revistas. A edição de imagens sempre nos dá trabalho. Originalmente, alguns textos eram publicados com imagens, por exemplo de obras de arte que Bandeira comentava, ou a capa de um livro resenhado. Fazemos de tudo para dar a mesma sensação ao leitor de hoje. Isso inclui um périplo a acervos esparsos, de difícil pesquisa, às vezes para encontrar uma determinada imagem que nem sabemos se ainda existe. Foi o caso de um retrato de Bandeira por Frederico Maron, menos conhecido que o de Portinari. O quadro foi levado para uma exposição na Europa no final dos anos 30 e desde então está desaparecido. Em resumo, acho difícil que na minha vida de editor passe pelas minhas mãos material mais importante do que esses inéditos de Bandeira, por isso eu e o Augusto Massi, que edita os livros comigo, procuramos ter o maior cuidado possível.

• *Por que fazer uma biografia do autor? Quando deve ficar pronta?*

WERNECK: Bandeira já deveria ter três ou quatro boas biografias. Esse é o tipo da situação brasileira, que pode ser ótima para editores e biógrafos, pelos terrenos inexplorados, mas péssima para os leitores. É preciso fazer a biografia de Bandeira, projeto que o Humberto Werneck apresentou depois de ter concluído "O Santo Sujo", sobre Jayme Ovalle. A CosacNaify encampou e levou a proposta à família de Bandeira. A vida dele foi interessantíssima, conhecemos pelos escritos, pela correspondência, pela excelente crítica. Mas não por uma biografia que não seja um cozido de tudo o que já se conhece. Uma das vocações da editora é preencher lacunas como essa. *(Rachel Bertol)*

Reprodução/Condomínio dos proprietários dos direitos de imagem de Manuel Bandeira

AS PAIXÕES DE BANDEIRA

O crítico e suas lições

Falando sobre literatura, música ou artes plásticas, poeta rompeu os grilhões da especialização

MANUEL BANDEIRA em seu apartamento de Petrópolis, em fevereiro de 1948: a paixão pelas coisas vivas e pela fragilidade humana aparece no crítico polivalente, que tem muito a ensinar

Crônicas inéditas 2, *de Manuel Bandeira. Organização, posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. Editora CosacNaify, 480 pgs. R$ 69*

José Castello

Manuel Bandeira foi o poeta da leveza. Sempre disposto a enfrentar dilemas metafísicos, como o sentido da existência, e a tratar de assuntos dolorosos, como a fraqueza e a morte, Bandeira os puxou, com vigor e alegria, para a esfera do chão. A vida, suas miudezas e incoerências, está no centro de sua escrita. Em um belo poema como o "Discurso em louvor da aeromoça", de "Opus 10", ele resume essa posição: "Aeromoças, aeromoças,/ (...)/ Não pareceis baixar de céus atuais/ Mas dos antigos/ Quando na Grécia os deuses ainda vinham se misturar com os homens".

A mesma paixão pelas coisas vivas e pela fragilidade humana aparece, também, no crítico de literatura e de artes. Tendência que se manifesta, de modo forte, no segundo volume de suas "Crônicas inéditas/1930-1944", com organização, posfácio e notas de Júlio Castañon Guimarães. Os duros e frios críticos de hoje deviam parar um pouco, depor os temores e as armas, e reler Bandeira. Temos, todos, muito a aprender com ele.

No ano de 1930, como uma senha dessa estratégia, Manuel Bandeira publicou "Libertinagem", reunião dos poemas escritos a partir de 1924. Em 33, outro sinal, mudou-se para a mundana Lapa. Em 36, completou 50 anos; estava pronto para ser, sem mais disfarces, o homem que era. Como crítico, escreveu não só sobre literatura e música, mas também sobre artes plásticas e cinema. Polivalente, Bandeira rachou as fronteiras entre as linguagens e rompeu os grilhões da especialização.

Como um anjo sem asas, que se interessasse mais em rastejar do que voar, Bandeira passeou pelo mundo, sempre pronto a interrogar a verdade. Muitos fios, sutis, unem suas diversas paixões. Em seu fundo aparece, sempre, o próprio Bandeira. Em uma crônica sobre os retratos que Frederico Maron e Candido Portinari dele fizeram, o poeta fala com candura da sina dos retratistas, que estão sempre em luta contra seu modelo, empenhados em nele colocar (ainda que com o disfarce da beleza) algo de si. Todo retrato, Bandeira diz, "é mais do artista do que do modelo". É com espanto que fala desses artistas que "sem o querer, se retratam a si mesmos". Também o crítico não escapa desse destino. A simples escolha de um objeto já é uma marca pessoal.

Para o poeta, rigor não é só razão afiada, é entrega a si

Quando critica Jorge de Lima, pouco depois de tecer elogios a seu esquecido irmão Mateus de Lima, também grande poeta, Bandeira não exerce apenas o senso crítico; manipula partes de si mesmo e faz escolhas pessoais. A opção pela leveza surge, primeiro, de suas suspeitas para com os excessos da sofisticação. Escrevendo sobre as "Poesias humorísticas", de Bastos Tigre, e diante de versos antigos do poeta pernambucano, Bandeira anota: "Houve retoques e polimentos. Teriam as emendas piorado os sonetos?" Logo à frente, ao comentar um soneto específico, dá a resposta: "Evidentemente a emenda está ruim. O ritmo e a expressão da primeira versão estão muito mais naturais".

Falando da crítica de arte assinada pelo paraibano Santa Rosa, Bandeira, primeiro, o enche de elogios. "Inteligente como um saci, sensível como uma antena de rádio", diz. Em tese, concorda com Santa Rosa quando este combate a "constante negligência pela construção" que acomete muitos artistas jovens. Mas logo depois diverge e o espeta: "Tem razão em linhas gerais, mas isso é também, em matéria de crítica, pincelada fácil". Não basta, portanto — como faz Santa Rosa — exigir rigor, qualidade que, ou bem se tem, ou não. A criação transcorre em outra esfera, bem mais etérea. Com a mesma ênfase, Bandeira critica "um excesso de intelectualismo" na poesia do paulista Sérgio Milliet. Profetiza: "Será um dia melhor crítico do que poeta". E acerta.

O crítico de arte, Bandeira sugere, precisa considerar a própria ignorância. Visitando o Salão de Artes de 1941, ele especula: "Os expositores dirão: — Esse cronista não entende nada de artes plásticas". Com delicada ironia, apressa-se a concordar com eles: "A verdade é mesmo essa: não entendo nada de artes plásticas. Nem quero entender". Bandeira entendia que o rigor, para o artista, é outra coisa: não é só razão afiada, é entrega a si. Não é por outro motivo que saúda, com grande entusiasmo, a poesia de Adalgisa Nery — grande poeta, hoje inteiramente esquecida. "A sra. Adalgisa Nery, quando escreve, não mede suas palavras", constata. Para expressar admiração pela coragem de Adalgisa, recorre ao conselho célebre de Santa Teresa D'Ávila: "Sejamos todos loucos!" E arremata: "Eis um grito d'alma que deveria ser o moto de todos os poetas".

Com a mesma liberdade interior, Manuel Bandeira saúda um grande escritor muitas vezes criticado por seus excessos: o escocês Robert Louis Stevenson, em quem admira, sobretudo, o "estilo vivo". Depois de se casar com certa Mrs. Osborne, e só para divertir o jovem enteado, Stevenson escreveu, por exemplo, "A ilha do tesouro", de 1882. Na Ilha Samoa, onde se exilou para tratar uma tuberculose — mesmo mal que infernizou Manuel Bandeira — Stevenson passou a ser conhecido, entre os nativos, como o Tusitala — isto é, o Contador de Histórias. Simplificação que resume, na verdade, sua grandeza. Nele, Bandeira admira, sobretudo, a "fantasia poética".

Quando analisa a prosa brasileira de seu tempo, ao contrário, o poeta se lamenta que, mesmo nossos melhores narradores, como Machado e Lima Barreto, exibam "mais as qualidades de observação e crítica, de introspecção ou de construção e estilo o que lhes dá excelência". Não se esquiva de lamentar que lhes falte, justamente, a força da fantasia. "Neles o trabalho da imaginação é pouco sensível". Corrige-se: "Temos imaginação, mas falta-nos fantasia". A palavra fantasia, ele distingue, deriva de "phantazo", isto é, "fazer aparecer". Ou seja: fantasia é o poder de transformar a imaginação em algo que possa ser visto. O que, sem dúvida, sobrava em Stevenson — e não foi por outro motivo que ele foi tão invejado por um gênio como Jorge Luis Borges.

Teria sido justamente essa sensibilidade que faltou a André Gide quando, como editor, leu e recusou os originais de Marcel Proust, o poeta especula. Confiando em seu faro profissional, imagina Bandeira, teria Gide lido, apenas, "um trecho tomado ao acaso", dando o livro de Proust por julgado. Sua estratégia "por amostragem", apesar do aparente rigor, deixou escapar o principal: a alma de Marcel Proust. Críticos também precisam se apaixonar, ele sugere. Do mesmo modo que os poetas, não chegam à grandeza sem queimar algo de si. Daí sua admiração por Murilo Mendes. "Ele é um dos cinco ou seis bichos de seda da nossa poesia", diz. "Os que tiram tudo de si". Artistas capazes de, com sua obra, espalhar "o contágio, o transe, o pânico". Todos eles, elementos nos quais a razão pura fracassa.

Insatisfeito com "O caminho para a distância", o livro de estreia de Vinicius de Moraes, Bandeira saúda com entusiasmo seu segundo livro, "Forma e exegese", mais forte e mais impuro, no qual se respira "o cheiro bom do estrume". Com a mesma franqueza, polemiza com o pintor Lasar Segall que, em uma entrevista, criticou os artistas que "desejam mostrar nos seus trabalhos formas em oposição, cores gritantes, linhas em choque, objetos que berram". Bandeira faz, com veemência, a crítica da crítica: "O Sr. Segall não é um temperamento gritante, não é homem de imaginação, não é um extrovertido". Contrapondo-se com firmeza a Segall, ele afirma com todas as letras: "Reivindico em arte o direito de gritar".

Opção pela leveza define o próprio Bandeira

Falando dos haicais, os minúsculos e preciosos poemas japoneses, Bandeira lembra que o grande mestre do gênero, Bashô, traz o trivial inscrito em seu nome. Em japonês, Bashô quer dizer "bananeira". O apelido surgiu quando ele se recolheu a Yedo, para habitar uma pobre cabana junto a um bananal. A cabana foi destruída por um incêndio, sobrou o nome. Observa Bandeira: "Bashô compreendeu que só se deve amar no mundo as coisas belas e passageiras". Essa opção pela leveza define, também, o próprio Bandeira. Ainda hoje, em nossa memória e em nossas leituras, um anjo gordinho e sem asas que, pronto para as pequenas alegrias, passeia pelas frestas do mundo. ■

JOSÉ CASTELLO é escritor e colunista do Prosa & Verso

Reprodução/Hulton Archive/Getty Images

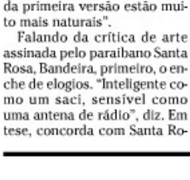
PROUST: sua "alma" escapou ao editor André Gide, lembra Bandeira

Reprodução/Foto de Hildegard Rosenthal/Arquivo Fotográfico Lasar Segall

LASAR SEGALL pintando Lucy em seu ateliê: "O Sr. Segall não é homem de imaginação", escreveu o crítico poeta

Reprodução/Acervo Projeto Portinari

BANDEIRA (na fila do alto, à direita) com intelectuais e artistas num jantar em homenagem a Portinari



AS PAIXÕES DE BANDEIRA

'Maior do que imaginamos'

Prosa de Bandeira tem sua importância reavaliada, diz organizador da edição da Nova Aguilar

O crítico André Seffrin, responsável pela nova edição da obra de Manuel Bandeira que está sendo lançada pela editora Nova Aguilar na Flip, conta que terminou o trabalho gostando ainda mais da obra do poeta, especialmente dos seus textos de prosa. O Bandeira prosador, segundo Seffrin, "é bem maior do que imaginamos, sobretudo o cronista, que aos poucos é reavaliado e editado à altura de sua importância". A nova edição teve toda a sua fortuna crítica refeita e, além disso, exigiu de Seffrin ampla pesquisa para atualizar a bibliografia, que estava congelada, na edição da Aguilar, desde 1967. Ao reunir referências sobre o que tem sido escrito a respeito de Bandeira, o crítico observou que se passou de uma primeira fase, "mais afetuosa", de estudos realizados sobretudo por pessoas que conviveram com o poeta, para uma fase mais distanciada, que permite analisar o legado do autor de forma muitas vezes mais objetiva.

Bandeira para jovens leitores

• Além das novas edições que estão chegando aos leitores pela CosacNaify e pela Nova Aguilar, a obra de Manuel Bandeira é um dos destaques do catálogo da Nova Fronteira. Poeta querido pelo público, Bandeira ainda é um nome bastante adotado em escolas e, por isso, aparece em vários lançamentos dedicados aos jovens leitores. Entre eles está "As meninas e o poeta", lançado pela Nova Fronteira no ano passado, que reúne poemas escritos, em sua maioria, para as filhas dos amigos de Bandeira.

Na editora José Olympio, que tem quatro títulos de Bandeira lançados entre 2007 e 2008, está "Belo Belo e outros poemas", organizado e selecionado por Maria Amélia Mello e Maria Lúcia Limo, também voltado para jovens leitores. A obra acaba de receber o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

ENTREVISTA

André Seffrin

Rachel Bertol

O GLOBO: *Como situar esta edição em relação às anteriores? Tiveram de atualizar muita coisa na poesia dele? Há inéditos?*

ANDRÉ SEFFRIN: A primeira edição é de 1958, em dois volumes, um de poesia, outro de prosa. A segunda, muito reduzida, é de 1967, comemorativa dos 80 anos de Bandeira, editada com um ano de atraso. As edições de 1974 e 1977 repetem a de 1967 com pequenas modificações. Esta 5ª edição foi totalmente reformulada e ampliada. Não é tão extensa quanto a primeira, que incluía até epistolário e traduções de teatro em verso, mas é três vezes maior que as versões reduzidas. Não foram incluídos poemas inéditos porque ainda não há uma edição fixada dos inéditos de Bandeira, dispersos em periódicos, antologias e mesmo manuscritos, no acervo de amigos ou de familiares desses amigos. Uma pesquisa para dois ou três anos ou mais, e alguém com certeza cuidará disso em futuro próximo. Quanto à atualização, foram feitas correções com base nas edições críticas dos cinco primeiros livros, de "A cinza das horas" (1917) à "Estrela da manhã" (1936). Mesmo assim, há problemas que nem as edições críticas resolveram, e alguns especialistas divergem muito. Mas procurou-se respeitar a vontade do autor segundo edições anteriores, algo que exigiu cuidado redobrado porque Bandeira costumava fazer novas alterações a cada reedição. Essas alterações de vez em quando se confundem com erros tipográficos etc, o que dificulta muitíssimo a identificação do que é de fato correção do autor ou interferência (voluntária ou involuntária) do linotipista ou do revisor.

• *E quanto à prosa, o que foi acrescido ou corrigido? Qual o critério utilizado para incluir ou excluir textos de prosa?*

SEFFRIN: A seção da prosa foi muito ampliada. Recuperou-se grande parte da primeira edição, de 1958, com a íntegra de "Crônicas da província do Brasil" e uma seleção mais generosa das crônicas de "Flauta de papel". A seleção das crônicas de "Andorinha, andorinha" foi repaginada de acordo com o volume de 1966, ou seja, sem descaracterizar a organização de Drummond que, apesar de mal vista por alguns bandeirianos por conta da organização temática e da fragmentação de algumas crônicas, é a melhor antologia já publicada da prosa de Bandeira. Boa parte dos ensaios da edição de 1958 foi reintegrada, a exemplo do "Guia de Ouro Preto". "Versificação em língua portuguesa", contudo, é ensaio inédito no formato Aguilar: curioso e importante verbete que Bandeira escreveu para a enciclopédia Delta-Larousse, que na época circulou também em separata.

• *Como foi retrabalhada a questão da fortuna crítica para a nova edição?*

SEFFRIN: A fortuna foi toda reformulada. Mantiveram-se os ensaios mais importantes das edições anteriores, como os de Onestaldo de Pennafort e Sergio Buarque de Holanda. O de Mário de Andrade não foi autorizado pelos herdeiros, infelizmente. No sentido não apenas de atualização mas de abraçar o que há de fundamental sobre Bandeira, foram incluídos muitos outros textos — Octávio de Faria, Abgar Renault, Álvaro Lins, Gilda e Antonio Candido de Mello e Souza, Wilson Martins, José Guilherme Merquior, Sônia Brayner, Lêdo Ivo, Ivan Junqueira, Massaud Moisés, Davi Arrigucci Jr. O de Abgar Renault é específico, trata do Bandeira tradutor de poesia. Os de Octávio de Faria, Ribeiro Couto e Álvaro Lins tratam da primeira fase de Bandeira até final dos anos 1930. Já os de Wilson Martins, Gilda e Antonio Candido, Lêdo Ivo, Merquior, Massaud Moisés e Ivan Junqueira estudam a poesia de Bandeira numa perspectiva de conjunto de obra — todos mais recentes, escritos a partir dos anos 1960/1970. As abordagens de Sonia Brayner e Davi Arrigucci Jr. são, ao contrário, específicas — tratam de um poema ou apenas de um aspecto da obra. A intenção, no conjunto, é obter uma visão geral, uma espécie de introdução geral à obra, para estudiosos e o leitor interessado.

• *Imagino que atualizar a bibliografia tenha dado um grande trabalho. Quantas referências foram inseridas? O que se pode depreender do olhar dos estudiosos acerca de Bandeira nos últimos anos: que pontos de vista têm sido privilegiados?*

SEFFRIN: A bibliografia aumentou muito. Sem atualização desde 1967, ganhou agora dezenas de páginas e deve facilitar a pesquisa de quem pretende se aprofundar na obra de Bandeira. E posso dizer que antes preponderava uma visão mais afetiva, de estudiosos e críticos que, de alguma forma, foram amigos próximos do poeta ou seus contemporâneos. Hoje se intensificam os estudos de natureza mais específica em que preponderam visões distanciadas do homem e da obra. A edição crítica de "Libertinagem" e "Estrela da manhã", preparada em 1998 por Giulia Lanciani para a coleção Arquivos, é um bom exemplo disso — reúne textos de uma nova geração de ensaístas e estudiosos, com pontos de vista às vezes discordantes, o que é necessário para uma boa visão crítica. Terminei o trabalho gostando um pouco mais de Bandeira, sobretudo do prosador, que é bem maior do que imaginamos, sobretudo o cronista, que aos poucos é reavaliado e editado à altura de sua importância. ■

Original de Sascha Harnisch/Condomínio dos proprietários dos direitos de imagem de Manuel Bandeira

MANUEL BANDEIRA fala ao telefone: o poeta deixou vasta obra, que instiga nova geração de estudiosos

Divulgação/Lia Sampaio

SEFFRIN: reedição da obra